

GÊNERO E SEXUALIDADE: Uma construção social

Fabiola Fontenelle Do Carmo Brito¹; Letícia Ferraz Silva¹; Maryele Santana Duro Reinoldes¹; Valéria França Silva¹; André Masao Peres Tokuda^{2*}

¹ Graduando em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas- FITL/ AEMS; ² Doutor em Psicologia – UNESP; docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: andremasao@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva elucidar questões referentes ao gênero e sexualidade, apresentando através de uma breve recapitulação histórica que ambos se formam a partir de uma construção social. Além da teoria utiliza-se também o documentário Bichas, contendo vários relatos sobre a vivência de jovens, envolvendo descobertas, sofrimento e resiliência, uma luta diária em busca por respeito e igualdade. Com isso, compreende-se que o preconceito faz parte de uma construção social, que vem sendo passado através das gerações e infelizmente chegando aos dias atuais, impactando severamente nas relações sociais, causando adoecimento e em muitos casos levando indivíduos a morte, seja através da violência vivida diariamente nas ruas e até mesmo no convívio familiar ou o suicídio, que é uma atitude desespera de acabar com uma dor, sofrimento ou angústia, o sujeito não consegue visualizar outra solução que não seja abreviar sua existência. Em virtude dos fatos mencionados é extremamente necessário criar maneiras para diminuir o preconceito, levando conhecimento e informação a sociedade, para que esta não reproduza preconceito para as próximas gerações e não pratique atos de violência contra outras pessoas, somente o conhecimento pode frear esse sério problema social que enfrentamos há tanto tempo. Não é preciso ser gay para lutar contra o preconceito, um pouco de empatia pode ajudar, colocar-se no lugar do outro é um exercício que facilita na conscientização.

PALAVRAS-CHAVE: bicha; gênero e sexualidade; psicologia social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo irá abordar a questão de gênero e sexualidade, que por muitos anos e, infelizmente, até hoje não são tratados. Compreendemos que a sexualidade é inerente ao ser humano e que aflora desde a infância, no entanto é reprimida e pouco entendida pela família. É importante para a sociedade que esses assuntos sejam expostos de maneira natural e frequente, e não de maneira escondida e amedrontada.

Como citado acima, a sexualidade é uma condição do ser humano, que segundo Lara (2009) começa a se formar na infância e vai sendo construída ao longo da vida, mesmo assim se constitui como algo secreto e que muitos pensam ser vivenciada de maneira igualitária por

homens e mulheres. O pensamento de Foucault (1988) condiz com essa ideia, para ele a sexualidade é uma construção social desenvolvida no decorrer da história. Louro (2000) deixa claro que tudo isso vai além, que esse tema envolve muitos aspectos de acordo com cada cultura.

Essa construção social é mostrada no filme “Bichas, o documentário”, que também é utilizado nesse artigo. O mesmo mostra a luta de jovens que tentam desconstruir a palavra “Bicha” que é vista como algo negativo e depreciativo. Eles querem se aceitar ao mesmo tempo em que querem ser aceitos por uma sociedade homofóbica, que julga e acha errado algo que desconhecem e que vem sendo colocado em suas mentes desde eras mais antigas. Portanto, esse

artigo mostra como a sexualidade e gênero continuam sendo um tabu na sociedade atual, mesmo com tanto conhecimento espalhado pelas mídias tradicionais e na internet. Destacamos que mesmo com tantos anos passados, o preconceito continua incutido nas pessoas, em suas maneiras de pensar, agir e falar.

Com isso, temos como objetivo discutir sobre a história da sexualidade ao longo dos séculos, fazendo com que se entenda que ela, por ser uma construção social, precisa ser vista e falada de maneira natural, pois só assim todos estarão mais bem informados, e a informação leva ao poder e ao diálogo inteligente. Para realização do objetivo foi utilizada revisão bibliográfica.

2 AS CONSTRUÇÕES DAS SEXUALIDADES E GÊNEROS EM NOSSA CULTURA

A sexualidade é e foi definida pelos valores e crenças estabelecidos na sociedade no transcorrer da nossa história. Conceituar a sexualidade é bastante difícil dada a complexidade do assunto, além do que, o seu conceito, do ponto de vista psicológico, vai depender da escola considerada. Usamos como exemplo a psicanálise, que segundo Berzoti (1994), define a sexualidade como uma energia vital direcionada para o prazer, ligada à afetividade, às relações sociais, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação, dentre outras coisas. Porém, a sexualidade não é o sexo em si, e sim um modo de ser que se integra a um corpo por meio das práticas.

A sexualidade é uma condição humana que começa a se formar na infância, continua sendo construída na adolescência e se manifesta diferentemente nas várias fases da vida. Esta abrange a relação sexual, o erotismo, o prazer, a orientação sexual e a reprodução; se expressa

por meio de pensamentos, fantasias, desejos, comportamento e relacionamentos e é influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e religiosos (LARA, 2009, p. 583).

Sendo assim, cada pessoa tem uma maneira de vivenciar a sexualidade, de acordo com suas experiências. Infelizmente falar sobre sexualidade nos dias de hoje continua sendo um tabu, não se fala abertamente sobre o assunto, desde a antiguidade o assunto é recriminado e controlado pelas autoridades, sejam políticas ou religiosas. Com isso, escondemos a sexualidade criando um mecanismo de controle, “[...] olhamos através de uma cortina de fumaça, que oblitera a visão, para nos desviarmos, deliberadamente, desse assunto que quando focado, é alojado numa perspectiva “patologizante” de risco ou danos à saúde” (RESSEL; GUALDA, 2003, p. 83). Perspectiva essa que segundo Foucault (1988) era regida por tecnologias como religião e a medicina.

Por ser um aspecto inerente ao ser humano, conversas sobre a sexualidade não deveriam ser complicadas. As discussões sobre o assunto deveriam começar no âmbito familiar, assim como na escola, lugar que deveria oferecer mais informações. As escolas parecem resistir em incluir o assunto como uma das suas preocupações pedagógicas e os professores ainda acham o assunto incômodo ou se sentem sem preparo para abordá-lo. Não é só a sexualidade que causa alvoroço na hora de conversar, o assunto sobre gênero também causa desconforto e insegurança, além de muita falta de informação.

3 CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NA NOSSA CULTURA

Segundo Louro (2000), a sexualidade sempre foi vista como algo secreto, que se pode conversar somente com

alguém muito próximo, uma amiga ou confidente de forma sigilosa. A maneira como se experiência depende de vários aspectos, como: origem, raça, religião, classe, cultura, entre outros. A maneira como os indivíduos vivenciam a sexualidade é estabelecido socialmente, tal como os desejos e prazeres, sendo atualizada frequentemente conforme a época em que se vive, as mudanças sociais ditam os estilos de vida que modificam com o passar do tempo. Porém, não envolve somente indagações pessoais, mas sociais e políticas, que são construídas ao longo da vida de todos os indivíduos.

A sexualidade ainda é considerada por muitos algo que nasce com o sujeito, vivida igualmente da mesma forma por homens e mulheres. Em contrapartida a literatura nos mostra que o tema vai muito além, envolvendo aspectos históricos, através de rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, processos intensamente culturais e plurais (LOURO, 2000).

Para Foucault (1988), a sexualidade é um dispositivo histórico, uma construção social, desenvolvida historicamente, a partir de vários discursos, tem a função de multiplicar, inovar, acrescentar, inventar, penetrar nos corpos de maneira a vigiar cada vez mais a sociedade, baseia-se no controle e no poder.

Os meios de comunicação, os filmes, as propagandas, os shopping centers, as músicas, entre outros, promovem de algum modo a sexualidade, de acordo com Louro, (2000). Todos esses instrumentos propagam conteúdos que são consumidos por crianças e adolescentes, levando ao surgimento do “pânico moral”. Em especial as crianças que são apontadas como inteligentes, precocemente teriam acesso a assuntos que as fariam perder um pouco da essência infantil, por isso se tem todo cuidado para que o tema em questão seja podado, a fim de diminuir a curiosidade, mesmo com todo esse controle ainda em inda-

gações e incertezas sobre as experiências do prazer que são mantidas em segredo. Essas diversas práticas de doutrinação e ensinamentos rígidos nos levam a sentir vergonha e culpa, vivenciando a censura e o controle.

Bueno e Moizes (2009), afirmam que ainda hoje existem tabus, mitos, conceitos e estereótipos acerca da sexualidade impedindo que o tema seja compreendido de forma esclarecedora. Para entender o assunto diálogo é a ferramenta fundamental no processo de educar. O grande desafio para abordar a temática sexual nas escolas é capacitar os docentes, para que este desenvolva um trabalho eficiente é necessário conscientizá-los de sua importância, pois são agentes de transformação, que auxiliam nas mudanças de pensamentos e de visões deturpadas, levando em consideração que os alunos chegam às escolas com ideias pré-estabelecidas, construídas a partir do convívio familiar. Deste modo a interação família-escola torna-se necessária para que não haja uma dicotomia de fala e ações, tornando o processo conflituoso.

Não é necessário que o docente seja um especialista em educação sexual, basta que consiga repassar conhecimento sobre o tema, criando argumentos e maneiras adequadas de ensinar, promovendo reflexões e debates, tornando-se um mediador do conhecimento, tendo a escola como um espaço privilegiado para potencializar uma educação sexual conscientizadora (BUENO; MOIZES, 2009).

4 GÊNERO

A palavra gênero logo que ouvida remete a ideia de homem e mulher ou feminino e masculino. O que não seria errado, o gênero trata as diferenças entre homens e mulheres, visto como uma construção cultural, social e histórica. Práticas que não são vistas como inatas, são impostas (LOURO, 2003).

A partir de estudos procurando definir o termo gênero e como estava empregado na sociedade, ficou evidente a assimetria entre homens e mulheres, na qual o homem é visto em um patamar muito elevado. Podendo ser observado dentro de casa, nos relacionamentos amorosos, na família, no mercado de trabalho, entre outros ambientes, o que faz refletir que essa construção social entre os gêneros vem de muito tempo atrás sendo passado de geração em geração. Com a atualização dos estudos, projetos, pesquisas, a busca pela igualdade entre homens e mulheres se tornou constante. Procurando acabar com a assimetria entre os gêneros, passando serem vistos diferentes apenas biologicamente (ALMEIDA, 2013).

5 CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA NOSSA CULTURA

A ideia de construção social do gênero surgiu, através de movimentos sociais feministas em meados da década de 60, quando as mulheres buscavam seus direitos na sociedade. Baseando este movimento na diferença social entre homens e mulheres (SOUZA, 2002).

Através desses movimentos, a discussão sobre “gênero” começou a tomar forma na sociedade e no âmbito acadêmico. O termo foi visto de uma forma analítica, sendo enxergado como ferramenta de análise do conhecimento instituído socialmente e culturalmente em relação à diferença social, sendo o destaque no processo de construção subjetivo. O artigo usado como material de referência cita exemplos de como socialmente os indivíduos colocam expectativas sobre o papel do homem e da mulher, um dos exemplos citados se refere ao nascimento de uma criança do sexo feminino, no qual a expectativa se concentra na questão de a criança brincar de boneca e não ter o interesse em futebol (SOUZA, 2002).

O conceito de gênero pode ser en-

tendido como resultado de forças sociais, vindo da cultura, sendo aprendido pelo indivíduo e não nascendo com ele. A diferença entre os sexos feminino e masculino começa a ser explícita através dos papéis sociais, quando ambos os sexos internalizam identidades por meio social (SOUZA, 2002).

6 DOCUMENTÁRIO

Foi usado como referência para o assunto abordado, o filme “Bichas, o documentário”, criado, dirigido e editado pelo estudante de publicidade e diretor de arte Marlon Parente, trazendo relato de Bruno Delgado, Igor Ferreira, Ítalo Amorim, João Pedro Simões, Orlando Dantas e Peu Carneiro. Foi publicado em 20 de fevereiro de 2016, na cidade do Recife, foi realizado sem patrocínio e disponível no *YouTube*. No qual apresenta relatos de indivíduos contando a dificuldade em passar pela aceitação da sua própria sexualidade, aceitação essa que vem acompanhada de estigmas, e preconceitos impostos pela sociedade (PARENTE, 2016).

Entre os relatos se torna evidente a dificuldade em alcançar a aceitação, tanto do próprio indivíduo quanto de sua família diante da confissão “sou bicha”, por parte da família é possível perceber a diferença nas reações, que vem marcada de tradições e culturas diferentes. Outro aspecto a ser pontuado, é o evidente alívio que o indivíduo mostra em poder viver o que realmente é lutando contra o preconceito e ressignificando o sentido da palavra “bicha” (PARENTE, 2016).

Apesar das histórias serem bem diferente, elas apresentam algo em comum, todas são marcadas por lutas e resistências, sendo um processo de autoconhecimento, o qual foi necessário para dar um novo significado não somente a palavra “bicha”, mas a própria vida, transformando o sofrimento em luta, buscando liberdade, igualdade e

respeito (PARENTE, 2016).

7 DISCUSSÃO SOBRE O DOCUMENTÁRIO

De acordo com as teorias abordadas neste artigo e o documentário, percebe-se o preconceito sofrido pelos indivíduos devido a sua sexualidade. A família e a sociedade em que vivem de diversas maneiras induzem os indivíduos a se comportarem de acordo com um padrão aceitável, ou seja, a heteronormatividade.

No filme *Bichas* (2016), Igor de 19 anos, relata que aos 15 era do grupo de jovens da igreja, afirmou ter presenciado a coordenadora do grupo ser insistente de uma forma desagradável com um colega, dizendo que precisava falar igual homem, esse tipo de discurso repressivo, também foi mencionado por Foucault (1988), afirmando que a sexualidade era um dispositivo histórico com a função de controlar. Todo comportamento, visto como inadequado ou diferente, precisa ser reprimido, o jovem, acrescentou que o contexto religioso pesava muito nas suas decisões.

No vídeo Ítalo de 26 anos, relata que já foi vítima de homofobia, ao sair com amigos foi surpreendido por um homem armado, que os abordou de maneira agressiva, fazendo ameaças, sem nenhuma causa, somente por estarem juntos, Bruno diz que claramente esse homem foi motivado por preconceito (PARENTE, 2016). Bueno e Moizes (2009), afirmam que ainda hoje existem tabus e mitos, sobre a sexualidade, que impede que o tema seja compreendido, essa falta de informação e conhecimento pode custar a vida de alguém, não foi esse o caso, porém sabe-se que são altíssimos os números de mortes do povo LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bi, trans, queer, intersexo, assexuais e outras identidades, performances de gêneros e sexualidades).

Em relato, Orlando de 22 anos e

Bruno de 24 anos, dizem que desde que muito pequeno os pais já tentavam moldar seus comportamentos, Orlando admite que quando criança diversas vezes foi repreendido por seu pai com puxões de cabelo, para que tivesse comportamentos mais aceitáveis, quando saia para comprar roupas, se fosse escolhido alguma peça na cor rosa, era lhe sugerido que pegasse uma na cor azul, pois fica melhor, diziam os pais. Bruno declara que aos oito anos realizou sessões de terapia por cerca de um ano, na abordagem TCC (teoria cognitivo comportamental), onde eram realizados treinamentos para que suas ações fossem moldadas, trabalhava-se sua maneira de andar, falar, escrever, etc. (PARENTE 2016). De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), desde 1999 a homossexualidade deixou de ser considerada um transtorno ou doença, cabe ao psicólogo colaborar para que o indivíduo busque aceitação, encontrando maneiras de fortalecê-lo emocionalmente diante de conflitos, promovendo uma melhor qualidade de vida e bem-estar, conforme a da Resolução nº 01/1999.

Em relato João Pedro Carneiro, afirma que na infância seus pais não repreendiam seus comportamentos, entretanto várias vezes foi destrutado por seus colegas de escola, anuncia que certo dia estava dançando com umas amigas no recreio e alguns garotos jogaram lixo nele, somente por ele gostar de dançar, admite que sempre teve um jeito afeminado, que incomodava muito as outras pessoas, principalmente os meninos (PARENTE, 2016).

João Pedro Simões, de 21 anos, relata que quando pequeno, umas das vezes em que se sentiu muito triste, foi quando a avó chamou sua atenção, por ele brincar mais com as primas, reitera que quando assumiu sua sexualidade para a mãe, de início foi difícil, pois ela apresentou um pouco de resistência, perguntou se não era uma fase? Por que ele era assim? Ele declara que através

de sua militância, aos poucos a mãe foi aceitando. O referido ainda afirma que existe racismo no mundo gay, que a “Bicha Preta” além de lutar por direitos, como casamento homoafetivo e criminalização da homofobia, ainda precisa lutar contra racismo, a probabilidade de um homossexual negro morrer é maior do que de um branco. Exemplifica dizendo que a segurança é maior nos bairros de classe média, onde moram mais brancos, e que nos becos das favelas ninguém vê a “Bicha Preta” morrer, não existe visibilidade para esse grupo.

No documentário os indivíduos relatam a dificuldade em falar e desconstruir crenças sociais ao seu redor. As teorias e as experiências que foram relatadas demonstram que nos dias atuais a sexualidade ainda é vista como um tabu para muitos, gerando um julgamento ruim para com os sujeitos, que acabam sofrendo com esse estigma.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de conscientização, para que haja uma desconstrução social desse preconceito e estigma que gera sofrimento aos jovens ainda nos dias de hoje por conta de sua sexualidade, é necessário criar maneiras para que o conhecimento e a informação cheguem a todos os indivíduos, buscando acabar com a marginalização e demonização desses grupos. Visto que diariamente ocorrem agressões físicas e psicológicas e várias mortes decorrente desse preconceito.

Estudos mostram que a sexualidade é uma construção social, formada de acordo com as características sociais, étnicas, culturais, históricas, econômicas e religiosas na qual o indivíduo está inserido, tudo influencia. Ser “Bicha” em 1960 é diferente de ser “Bicha” em 2020, entretanto isso não significa que o preconceito não exista, a época em que se vive molda os comportamentos, mas a

discriminação sempre existiu.

A história do povo LGBTQIA+ é marcada de dor e sofrimento, por consequência dos maus tratos direcionados a eles, devido à falta de informação e de crenças que consideram errado ser homossexual, cria-se um grande preconceito que assim como o racismo e o machismo é estrutural, está entranhado na sociedade, muitos passam a viver amedrontados, angustiados, caindo num sofrimento psíquico que podem levá-los a depressão, ansiedade e até mesmo ao suicídio. Em consequência disso, diante de toda a violência que sofrem percebeu-se a necessidade de ressignificar a palavra “Bicha”, se reinventar no intuito alcançar um empoderamento, se orgulhando de ser o que são, criando um movimento de resistência que combate a opressão diariamente.

Atualmente, a luta é contra a homofobia, prezando pela vida e liberdade, para que não se tenha mais receio de frequentar qualquer local, por medo de ser agredido ou morto, não precisa ser “Bicha” para lutar contra o preconceito, basta somente ter um pouco de empatia e a consciência de que o direito à vida é para todos independente de sua sexualidade ou de qualquer outra característica do sujeito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. V.A. et al. Gênero na Psicologia: Articulações e Discussões. 1º Ed. Salvador, 2013.

BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. Arquivos de Neuro-psiquiatria, São Paulo, v. 52, n. 1, p.113-117, mar. 1994.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP N.º 001/99. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/tag/homossexualidade/>>. Acesso em: 30 de mai. 2020.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1988.

LARA, L. A. S. Sexualidade, saúde sexual e Medicina Sexual: panorama atual. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, Ribeirão Preto, v. 31, n. 12, p.583-585, dez. 2009.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação. 6º Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. O corpo educado: Pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte/MG. Autêntica Editora. 2000.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo. v. 44. n. 1, p. 205 - 212. nov. 2010. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000100014&script=sci_arttext

&lng=pt>. Acesso em: 23 mar. 2020.

PARENTE, M. Bichas, o documentário. Recife. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>> Acesso em: 30 mar. 2020.

RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 37, n. 3, p.82-87, set. 2003.

SANTANA, L. et al. Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: reavaliando conceitos, repensando práticas. Scielo. Psicologia: Ciência e profissão, Brasília. Distrito Federal. V. 33, n. 3, p. 730 – 745, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300016>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SOUZA, Érica Renata de. A construção social do gênero. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta4.1.htm>>. Acesso em: 19 de mar. 2020.